



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT – 5 – Política e Economia da Informação

FAKE NEWS E (DES)INFORMAÇÃO COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

FAKE NEWS AND (DIS)INFORMATION AS POLITICAL STRATEGY

Juliana Ferreira Marques – Universidade Federal da Paraíba

Edvaldo Carvalho Alves – Universidade Federal da Paraíba

José Washington de Moraes Medeiros – Instituto Federal da Paraíba

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Desinformação, despolitização, descrédito, são elementos que caracterizam uma sociedade na qual as *Fake News* consolidam-se não apenas como notícias falsas, mas, para além da definição que se proliferou na atualidade, são informações difundidas para propagar ideologias e perpetuar relações de poder a partir da manipulação de massas. Diante dessa realidade, a Ciência da Informação, sobretudo o campo da Economia da Informação, tem a responsabilidade de evidenciar um conhecimento livre, autônomo, orientado para condutas de acesso, gestão e organização da informação que privilegiem a verdade demonstrada cientificamente. Assim, desenvolvemos essa pesquisa com o objetivo de discutir a utilização de *Fake News* pelo Governo Federal como estratégia política a partir das notícias verificadas nas agências de *Fact-checking* “Lupa” e “Aos Fatos”, de 1º de janeiro a 17 de julho de 2019. Essas notícias foram reunidas em categorias empíricas que melhor estabelecem a relação entre as informações falsas e os aspectos político-ideológicos do Governo. Utilizamos a pesquisa empírica, descritiva, documental, de abordagem qualitativa. Além do referencial teórico da Ciência da Informação, tomamos por base conceitos de violência simbólica, ideologia, manipulação de massas. Ao fim, suscitamos uma reflexão sobre como as *Fake News*, em geral revestidas pelo conveniente recurso da desinformação, estariam sendo utilizadas por membros do Governo Federal brasileiro (presidente e ministros) como estratégia para a implementação e apoio às políticas públicas e popularização do Governo.

Palavras-Chave: *Fake News*; Estratégia Política; Desinformação.

Abstract: Disinformation, depoliticization, discredit, are elements that characterize a society in which Fake News is consolidated not only as fake news, but, beyond the definition that has proliferated today, is widespread information to propagate ideologies and perpetuate power relations from mass manipulation. Given this reality, Information Science, especially the field of Information Economy, has the responsibility to highlight a free, autonomous knowledge, oriented to conducts of access, management and organization of information that privilege the scientifically demonstrated truth. Thus, we developed this research in order to discuss the use of Fake News by the Federal Government as a political strategy from the news verified in *Fact-checking* agencies “Lupa” and “Aos Fatos”, from January 1st to July 17th. 2019. This news was gathered into empirical categories that best establish the relationship between false information and the political-ideological aspects of government. We use empirical, descriptive, documentary research, with qualitative approach. In addition to the theoretical framework of Information Science, we are based on concepts of symbolic violence, ideology, mass manipulation. In the end, we raised a reflection on how Fake News, usually covered by the convenient resource of misinformation, would be used by members of the Brazilian Federal Government

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

(president and ministers) as a strategy for the implementation and support of public policies and popularization of the Government.

Keywords: Fake News; Political Strategy; Disinformation.

1 INTRODUÇÃO

Diante de um contexto de mundo no qual a informação é evidenciada como elemento de poder e vertente das relações e processos, conceitos de verdade, opinião pública, democracia, moral e ética passam a ser questionados e relativizados ao mesmo tempo em que os usuários da informação participam de um novo campo social que utiliza a Internet e as redes sociais para se desenvolver. A defesa de direitos e causas e o empoderamento passam a ocorrer, preponderantemente, tendo como pano de fundo a realidade virtual.

A partir desse cenário permeado por redes de relacionamento entre informação e usuário cada vez mais “líquidas” (valendo-nos do termo difundido por Bauman), as *Fake News*, enquanto elemento utilizado para definir as falsas notícias amplamente compartilhadas pelos meios de comunicação, sobretudo através da Internet, encontraram terreno fértil para se desenvolver e tornam-se um negócio lucrativo e fator decisivo em temas de relevância da vida cotidiana, como a escolha ou queda de um presidente do país, por exemplo. Diante desses contornos, a sociedade chamada de “industrial”, “pós-moderna”, “informacional”, “em rede”, entre outros termos, passou a ser conceituada também de “sociedade da pós-verdade”¹.

Ao longo deste percurso histórico das civilizações as *Fake News* ganharam notoriedade, sobretudo no campo da política, sendo desenvolvidas como forma de manipular massas e conduzir os sujeitos à ideologia da classe dominante.

Nos Estados Unidos, as eleições presidenciais de 2016, que ocasionaram a vitória de Donald Trump, tiveram forte influência de notícias falsas propagadas, predominantemente, por meio das redes sociais virtuais. No Brasil, nas eleições de presidenciais de 2018, o cenário também foi marcado pela propagação de inverdades, sobretudo através de um “exército” de robôs que, por meio de contas automatizadas, faziam parte de uma estratégia de manipulação, disseminação de boatos e difamação.

Diante dessa realidade, a ciência, não só no aspecto epistemológico, mas, no âmbito ontológico, deve se desenvolver no sentido de superar essa crise informacional e trazer à luz da sociedade reflexões que permitam a supremacia da verdade demonstrada cientificamente a partir da desmistificação de personagens, fatos e estratégias que se aproveitam deste cenário de despolitização de massas, alienação e violência da sociedade contemporânea e forjam

¹O termo pós-verdade, segundo Zarzalejos (2017, p.12), consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emotivo.

realidades com o objetivo de legitimar condutas que caminham na direção oposta à cidadania e democracia.

Situada no âmbito das ciências humanas e sociais, a Ciência da Informação, sobretudo por conta de seu objeto de estudo e campo de atuação, está diretamente vinculada a esse fenômeno que requer um “ativismo científico” e social no sentido de tornar-se o espaço fértil para o desenvolvimento de pesquisas que não estejam orientadas por essa atmosfera de coerção e interesses econômicos e, assim, possam demonstrar o papel crucial e objetivo da informação a partir de um conhecimento crítico, validado metodologicamente e o mais livre possível de vínculos religiosos e mercadológicos.

Nesse sentido, a Economia Política da Informação, enquanto subárea da Ciência da Informação que se preocupa com os processos de dominação e exclusão decorrentes da desigualdade de posse e distribuição da informação, deve estar atenta a essa dinâmica instrumental, que considera a informação como mercadoria.

A partir dessa realidade, desenvolvemos esse artigo que tem por objetivo discutir a utilização de *Fake News* pelo Governo Federal como estratégia política a partir das notícias verificadas nas agências de *Fact Checking* “Lupa” e “Aos Fatos”, de 1º de janeiro a 17 de julho de 2019. Essas informações foram reunidas em categorias empíricas que buscam evidenciar o caráter ideológico, manipulador e estratégico que as *Fake News* assumem no primeiro semestre do Governo Federal brasileiro. Utilizamos o referencial teórico da Ciência da Informação, sobretudo relacionado à subárea da Economia da Informação e conceitos de ideologia, violência simbólica, poder simbólico, manipulação de massas, desinformação.

Em termos metodológicos utilizamos a pesquisa empírica, descritiva e documental, de abordagem qualitativa. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos utilizamos a delimitação de categorias de Laville e Dionne (1999) para definir a teia de relações teóricas e empíricas apresentada ao longo deste estudo. Quanto à análise do conteúdo empregamos a perspectiva de Bardin (2011), para nortear a análise e interpretação dos resultados.

A partir desse percurso buscamos responder à seguinte questão: de que maneira o Governo Federal brasileiro utiliza as *Fake News* como estratégia política?

2 FAKE NEWS COMO ELEMENTO DE PROPAGAÇÃO DE IDEOLOGIAS NA SOCIEDADE DA (DES)INFORMAÇÃO

Discutir a realidade sociocultural do mundo contemporâneo é lançar-se num horizonte de incertezas, inconsistências e inverdades. Embora a busca pela verdade continue como a norteadora das principais iniciativas dos sujeitos do ponto de vista ético e moral, por vezes, as informações falsas ganham relevância e passam a ser propagadas para disseminar e legitimar ideologias como um elemento que compõe a engrenagem do que se convencionou chamar de “sociedade da pós-verdade” ou “sociedade da desinformação”. Segundo Brisola e Bezerra (2018, p. 3319):

A desinformação é um conceito antigo que nasce ligado a projetos militares de contrainformação e espionagem, mas extrapola para os meios de comunicação e para aparelhos privados e estatais. A desinformação pode estar presente em livros de história ou em discursos políticos, em histórias em quadrinhos ou em jornais de ampla circulação.

Kakutani (2018) destaca que o termo “declínio da verdade” entrou para o léxico da era da pós-verdade que inclui também expressões corriqueiras como *Fake News*. Mas não só as notícias são falsas, existe também a ciência falsa (ativistas do movimento antivacina, por exemplo), a história pode ser falsa (revisionários do holocausto), perfis falsos, *likes* falsos.

Isso ocorre, em partes, porque, segundo esclarece Bufrem (2016, p. 95), “atualmente, o intelectualismo tem seu contraponto nas filosofias de vida e da ação, doutrinas que privilegiam a intuição, a vida, a vontade e o instinto, em detrimento do intelecto como via de acesso à verdade ou como guia de conduta moral”.

Entretanto o próprio conceito de verdade não é consensual². Bufrem (2016) destaca que verdade, informação e conhecimento compõem uma relação aludida num trinômio, mas, antes de chegar a esse entendimento, a autora discorre sobre as diversas correntes teóricas³ que postulam definições para o termo:

² Do ponto de vista filosófico-conceitual não nos aprofundaremos na discussão teórica da verdade, que é contemplada por vários autores, inclusive no contexto da Ciência da Informação, a exemplo de Bufrem; Bezerra, Capurro e Schneider (2017) e Chauí (2005), mas, partimos do pressuposto aristotélico de construção de um conhecimento que consideramos mais verdadeiro que os outros, ou, mais próximo da realidade.

³ Chauí (2005) traz um levantamento das diversas teorias sobre verdade construídas ao longo dos séculos: verdade como evidência e correspondência, como conhecimento das significações, a concepção pragmática da verdade, e enfatiza que a verdade é ao mesmo tempo frágil e poderosa. “Frágil porque os poderes estabelecidos podem destruí-la, assim como mudanças teóricas podem

para o racionalismo é possível chegar à verdade, pois ela se realiza no conhecimento a priori e se estabelece por meio de argumentos racionais e que, por outro lado, o empirismo argumenta que a verdade provem da experiência e da observação sensorial, o criticismo kantiano tem sido reconhecido como um movimento de superação das posições anteriores, pela tese de que devem ser investigadas as fontes e os fundamentos sobre os quais se assenta a verdade. (...) Já para o pragmatismo, é verdadeiro o que é útil. (BUFREM, 2016, p. 99)

Diante dessas múltiplas vertentes, discutir a verdade, sobretudo em estudos situados no contexto da Ciência da Informação, requer não apenas que se considere esse arcabouço histórico relacionado ao conceito, mas, que a informação e o conhecimento sejam concebidos como elementos indissociáveis para que se chegue próximo de uma definição inerente ao entendimento da complexidade deste termo, e, ainda sim, é provável que não haja possibilidade de se chegar a uma verdade absoluta, livre de falhas.

Se não é simples ou mesmo possível definir a verdade, não é tão difícil assim detectar a mentira e sua construção social. E é disso que se trata aqui: de desmascarar mistificações contemporâneas de largo alcance, de denunciar seu caráter eticamente perverso, de lançar alguma luz sobre suas razões de ser, de demonstrar seus nexos causais mais ou menos complexos com disputas econômicas e políticas, com crenças e preconceitos, bem mais do que de sustentar esta ou aquela definição positiva e abstrata de verdade. (BEZERRA; CAPURRO; SCHNEIDER, 2017, p. 379)

Nesse sentido, segundo Demo (2000), o excesso de informações que circula na sociedade atual, contribui para esse processo de desinformação que utiliza das inverdades para consolidar-se. Não se trata apenas do volume de informações cada vez maior de tal forma que já não as saibamos manejar, mas, sobretudo, de usá-las para seu oposto, no sentido mais preciso de cultivo da ignorância.

Primeiro, a sociedade continua bastante “desinformada”, seja porque lhe chega tendencialmente informação residual, ou porque se lhe impõe informação oficial, ou porque se entope atabalhoadamente. Segundo, há informação de classe superior e inferior, cuja variação está em função como regra do poder aquisitivo de cada um. Alguém que pode assinar vários jornais e revistas tem, relativamente, melhores condições de comparar as diferentes fontes e cultivar um pouco mais de espírito crítico. Terceiro, abunda na praça informação imbecilizante (...) Quarto, a mídia está muito distante de sua função pública, porque corresponde a um estilo afrontoso de apropriação privada, dirigida por trâmites comerciais estritos. (...) Quinto, a

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

potencialidade informativa dos novos meios de comunicação está ainda presa a acessos elitistas, e quando traduzida em teleeducação, tende fortemente ao instrucionismo (DEMO, 2000, p. 41)

No cenário brasileiro essa desinformação pode ser o reflexo de uma realidade de pobreza e desigualdade social que limita o acesso de grande parte da população a informações de fontes variadas; pouco investimento em educação pública que possa despertar a reflexão crítica nos sujeitos (com os recentes ataques a áreas preponderantes para essas discussões como a Filosofia e Sociologia, esse aspecto é ainda mais preocupante); forte influência do setor privado (que é uma dos principais financiadores dos meios de comunicação) nas informações divulgadas; a carência de uma legislação atualizada que considere essa realidade e que preveja punições em casos de propagação de inverdades.

O fato é que “as forças que nos imbecilizam continuam progredindo mais rapidamente do que as forças que nos elucidam, as quais, no entanto, desde 1970, recobram velocidade” (MORIN, 2010, p. 47)

Brisola e Bezerra (2018) destacam que uma das características da desinformação é a utilização da bandeira da opinião pública, pelos meios de comunicação, para propagar a opinião que convém, incluindo em suas informações noções de generalização popular. Um exemplo clássico é utilizar frases como “O povo clama por justiça!”.

Outra questão importante a ser considerada sobre desinformação é a linguagem: pilar da informação. A linguagem é utilizada para dar aparência de informação à opinião, sugerindo um distanciamento e neutralidade, quando na verdade carrega envolvimento e parcialidade. A linguagem na desinformação também esconde as lutas de classes ou de grupos (gênero, etnia, posição política, etc.); coloca etiquetas positivas ou negativas que formam e manipulam opinião (Ex: guerrilheiros esquerdistas, terroristas islâmicos, manifestantes vândalos). Muitos indivíduos tendem a se acostumar com essas etiquetas e tornam-se aderentes a uma posição política pré-definida por terceiros. Nesse contexto, questionar qualquer informação oficial passa a ser visto como um trabalho ideológico, inapropriado para a neutralidade informativa, enquanto repetir e aderir a versões oficiais tende a ser visto como algo imparcial. Mesmo no meio acadêmico e científico, é possível deparar-se com o uso desse tipo de autoridade para distorcer resultados e sustentar “verdades” que atendem a interesses particulares. (BRISOLA; BEZERRA, 2018, p. 3322)

Nesse sentido, as *Fake News* podem ser consideradas o ponto central dessa realidade de desinformação, e, assim sendo, é necessário ampliar as definições usualmente atribuídas

ao termo que o associam à tradução literal: notícias falsas. Para além dessa definição limitada, as *Fake News* poderiam ser definidas como as informações inverídicas propagadas com um interesse (consciente ou inconsciente) de difundir uma ideologia e perpetuar relações de poder.

Com um carácter polissêmico o conceito de ideologia suscita diversas inquietações e conotações teóricas que evidenciam essa relação com as *Fake News*. Alves e Melo Filho (2016) destacam que a informação ideológica diz respeito a uma ação que, invés de possibilitar aos sujeitos compreender uma ordem normativa e compreender-se também em seu interior, nega-lhes isto, uma vez que opera uma reificação e fetichização desta ordem.

Na tentativa de sintetizar as correntes de pensamento que abordaram o conceito de ideologia a filósofa Marilena Chauí (2008) define que é um instrumento de dominação de classe cuja origem está na divisão da sociedade em classes contraditórias e em luta e enquanto instrumento encarregado de ocultar as divisões sociais transforma as ideias particulares da classe dominante em ideias universais. Bourdieu corrobora com esse posicionamento ao afirmar que

As ideologias, por oposição ao mito, produto colectivo e colectivamente apropriado, servem interesses particulares que tendem a apresentar como interesses universais, comuns ao conjunto do grupo. A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurando uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação destas distinções. (BOURDIEU, 1989, p. 10)

Assim, por entender que essa definição de ideologia de Bourdieu é a mais adequada para compreendermos a relação intrínseca entre as *Fake News* e o processo de manipulação de massas que evidenciamos nessa pesquisa, valemo-nos dessa abordagem teórica.

A essa reflexão Demo (2000) acrescenta que ao olharmos do ponto de vista da ideologia e a tomarmos como proposta de justificação de relações de poder, a informação está a seu serviço. No quadro social, a informação nunca aparece apenas como algo “informativo”, mas como tática de influência privilegiada.

Também se faz imperioso diferenciar boatos de *Fake News*. Brisola e Bezerra (2018, p. 3325) destacam que

Os boatos nem sempre começam com uma intencionalidade falsa - podem vir de uma opinião mal interpretada, de uma verdade mal compreendida ou particionada, de uma crença etc. Embora tenham sua parcela de perigo e não possam ser negligenciados, em geral não se revestem de uma autoridade informativa como no caso das *Fake News*.

Diante desse viés ideológico das *Fake News* que são utilizadas como elemento de manipulação de massas, a sociedade vivencia uma economia política da informação com uma tendência ao desenvolvimento de violências simbólicas e perpetuação da exclusão e desigualdade social. Esse cenário consolida-se como uma realidade desafiadora para a ciência, sobretudo no campo das ciências sociais que estudam a informação, seus processos, relações e desdobramentos.

3 VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E MANIPULAÇÃO DE MASSAS: VERTENTES DA ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO

O acesso à informação, e, em contraposição, a desinformação, são elementos que caracterizam a relação de dualidade da sociedade contemporânea e desafiam os agentes que convivem com uma realidade de desigualdade social, manipulação de massas e violência simbólica, muitas vezes intermediadas pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a repensar as relações que se estabelecem no campo simbólico da Internet e nas interações face-a-face.

Diante de uma conjuntura que privilegia o acúmulo do que Bourdieu chama de capital social⁴ a Ciência da Informação deve estar atenta à relação que se estabelece entre a informação e os sistemas sociais e econômicos que orientam a organização da sociedade. Araújo (2014) evidencia que a crescente percepção da informação como recurso gerou, para além de estudos que buscassem compreender a dinâmica de sua produção e transferência, um conjunto de preocupações sobre a posse e desigual distribuição entre os diferentes países.

Subsidiada por essa compreensão a área da Ciência da Informação denominada Economia Política da Informação (EPI) pode possibilitar o melhor entendimento da realidade que transforma a informação em mercadoria e proporciona vários desdobramentos culturais, sociais, econômicos e políticos. Câmara, Alves e Bufrem (2017) destacam que a EPI é um dos conceitos-chave para explicar mudanças estruturais na economia moderna, além de outros

⁴ Categoria utilizada por Bourdieu (1989) para definir dos bens econômicos, sociais, culturais e simbólicos dos agentes que convivem num determinado campo social.

campos das ciências humanas e sociais e pode ser considerado um assunto emergente em sua interdisciplinaridade com os estudos culturais, da comunicação, da sociologia e da economia.

Nesse contexto da EPI a informação caracteriza-se como um produto do que Adorno (1975) chama de indústria cultural, ou seja, uma realidade de produção de cultura da sociedade capitalista industrial que visa, sobretudo, o lucro. Adorno (1975, p. 63) destaca que

A indústria cultural pode se ufanar de ter levado a cabo com energia e de ter erigido em princípio a transferência muitas vezes desajeitada da arte para a esfera do consumo, de ter despido a diversão de suas ingenuidades inoportunas e de ter aperfeiçoado o feitio das mercadorias.

Essa realidade cultural na qual a informação se insere evoca uma série de desdobramentos sociais, dentre eles a manipulação de massas, como estratégia de mercado, e violência simbólica, como consequência desse cenário que envolve interesses não só relacionados a questões comerciais, mas, vinculados à religião, à política, à cultura. E quando a informação mercadológica é utilizada, concomitantemente, para fins comerciais, religiosos e políticos, e, além disso, assume a característica de *Fake News*, a repercussão pode ser prejudicial à democracia, e assim consolida-se o que Castells (2019) conceitua de ditadura da era da informação.

Para Castells (2019) vivemos uma realidade de manipulação tanto por poderes econômicos, quanto ideológicos. Não se pode fazer uma ditadura antiga, que se imponha com o exército, mas uma ditadura Orwelliana⁵ de ocupar as mentes. Isso se faz acusando de corrupção qualquer tipo de oposição.

Essa realidade pode ser percebida em aspecto mundial com a ascensão de governos de extrema direita, identificados pelo viés autoritário, com características fascistas, xenofóbicos e racistas, e que utilizam da informação como estratégia para a manipulação de massas. Freire (1987, p. 83) destaca que

Através da manipulação as elites dominadoras vão tentando conformar as massas populares a seus objetivos. E, quanto mais imaturas, politicamente, estejam elas (rurais ou urbanas) tanto mais facilmente se deixam manipular pelas elites dominadoras que não podem querer que se esgote o seu poder. A manipulação se faz por toda a série de mitos a que nos referimos. Entre eles, mais este: o modelo que a burguesia se faz de si mesma às massas com a

⁵ Em alusão ao escritor britânico de pseudônimo George Orwell que em sua obra “1984” publicada em 1948, na qual descreve uma sociedade futurista, apresenta situações cotidianas na atualidade como a manipulação da opinião pública, a ascensão da ignorância e ataques aos diferentes, entre outras.

possibilidade de sua ascensão. Para isso, porém, é preciso que as massas aceitem sua palavra.

Outra característica identificável em grande parte destes governos é a forte presença do fundamentalismo religioso. Em um país em que há uma predominância das religiões cristãs como o Brasil, certamente enxergou-se uma possibilidade de manipulação de massas que seria eficaz.

Adorno (1975) lembra que uma característica comum entre os agitadores fascistas e que buscam um regime totalitarista é a utilização de recursos como a suposta fé religiosa num percurso ideológico para conquistar as massas. Nesse sentido os agentes são considerados não como sujeitos em suas individualidades e subjetividades, mas, como meros objetos apresentados a medidas administrativas e destinados a auto anular-se e obedecer às ordens.

A essas relações de poder que se desenvolvem no campo social a partir de sistemas simbólicos (arte, religião e língua) como estruturas estruturantes e sistemas simbólicos como estruturas estruturadas, nas quais os indivíduos (ou instituições) utilizam instrumentos para assegurar a dominação de uma classe em detrimento de outra, Bourdieu (2003) chama de violência simbólica, ou seja, a adesão que o dominado concede ao dominante que faz com que a relação entre dominante e dominado seja vista como natural.

Bourdieu (2003) destaca que há uma interpretação equivocada do termo “violência simbólica” que o associa a algo meramente espiritual que não teria efeitos reais e desconsidera a objetividade das relações subjetivas de dominação.

De fato, a violência simbólica é um processo objetivo inerente ao campo social e às relações de poder que nele se estabelecem. E a informação, utilizada por esferas institucionais, poderes políticos instituídos e agentes que representariam os interesses populares para manipular massas oprimidas pode se tornar um recurso legitimador de práticas de violência simbólica instituindo uma economia política de informação mercadológica, injusta e excludente, que utiliza recursos como as *Fake News* para se consolidar.

4 ANÁLISE DE DADOS: A UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS COMO ESTRATÉGIA POLÍTICA

Na história política recente, o Brasil presencia uma realidade constante de disseminação de *Fake News* por parte do Governo Federal (presidente e ministros), que parece utilizar desse recurso de forma estratégica como elemento de manipulação de massas com o

objetivo de fazer com que medidas que não alcançariam adesão (por serem questionáveis juridicamente ou ética e moralmente; por irem contra crenças e posicionamentos políticos; por atentarem contra questões sociais e planos de bem-estar social já consolidados, entre outros) passem a ser bem aceitas e até defendidas por cidadãos que constroem um novo *habitus* a partir das “convicções” alardeadas pelo Governo, sobretudo através da mídia comercial (muitas vezes financiada para atender a esses fins).

A partir desse panorama desenvolvemos essa pesquisa para analisar o conteúdo de notícias falsas já verificadas pelas seguintes agências de *Fact-checking*⁶: “Lupa” e “Aos Fatos”, que são as pioneiras no Brasil no serviço de checagem de informações, tendo sido criadas em 2015. As duas agências são signatárias da *International Fact-Checking Network* (IFCN), que se define como uma organização com foco na transparência e posicionamento apartidário.

Embora haja um questionamento sobre a credibilidade das agências de *Fact Checking* e uma discussão sobre o vínculo destas entidades a grupos de interesse corporativo (a Lupa é vinculada à Folha de São Paulo, e a agência Aos Fatos conta com jornalistas das principais empresas de comunicação do país) que as utilizariam para fins comerciais e econômicos, acreditamos que essa premissa não interfere no levantamento de dados para esta pesquisa, pois, as *Fake News* aqui apresentadas passaram por uma verificação no processo da pesquisa para que fossem comprovadas as inverdades divulgadas antes de compormos o material de análise deste estudo.

Para a análise de conteúdo utilizamos a metodologia desenvolvida por Bardin (2011), sobretudo com relação à divisão do conteúdo em categorias para posterior análise. Essa metodologia busca compreender as comunicações para além dos seus significados imediatos.

Fizemos o levantamento de 1º de janeiro a 17 de julho de 2019 nas duas plataformas. No site “Aos Fatos”, que se dedica exclusivamente às verificações de informações políticas, selecionamos as *Fake News* inseridas na categoria “Falso” e, a partir daí, buscamos identificar as checagens relacionadas ao Governo Federal, seja em discursos e entrevistas ou através de material oficial divulgado pela presidência da república.

⁶ *Fact-checking* é o termo em inglês usado para definir a verificação de fatos que busca avaliar a veracidade de alegações difundidas por figuras públicas, políticos, jornalistas, entidades, entre outros.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

Na Agência Lupa, que tem um escopo de atuação variado e divulga *Fake News* nas áreas de cultura, educação, saúde, esportes, entre outros, selecionamos a seção “País” e a categoria “Falso”. Assim, acessamos às notícias checadas vinculadas ao Governo Federal.

Após esse levantamento foi realizada uma nova verificação das *Fake News* selecionadas como parte da pesquisa e desenvolvidas as categorias: “Proselitismo político/cultural”, “Egocentrismo político”, “Ataques a partidos e organizações públicas”, “Armamento da população”, “Apoio à ditadura”, “Preconceito Social”, “Intolerância às diferenças sexuais e de gênero”, “Contra-ativismo ambiental” e “Ataques às universidades”.

A categoria “proselitismo⁷ político/cultural” foi utilizada para reunir falas que propagaram dados estatísticos e notícias falsas com o objetivo de consolidar questões políticas e culturais defendidas pelo atual Governo, a exemplo da informação inverídica de que o que mais pesa do orçamento é a previdência pública, ou de que o Governo havia proibido o reajuste do diesel.

Na categoria “Egocentrismo político” reunimos as *Fake News* nas quais o Governo, por meio de seus integrantes, enaltece a si mesmo, como é o caso da informação difundida pelo ministro Sérgio Moro de que o efetivo da Polícia Federal está sendo ampliado, ou que o pacote anticrime (que ainda não foi aprovado) facilitaria o trabalho das polícias e puniria criminosos com mais rigor.

A categoria “Contra-ativismo ambiental” reúne as *Fake News* que seguem na direção oposta à preservação ambiental, negam problemas ambientais amplamente difundidos, e, a partir disso, constroem discursos como o de que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente ou que a medição de aquecimento global é distorcida.

As demais categorias “Ataques a partidos e organizações públicas”, “Apoio à ditadura”, “Preconceito Social” e “Intolerância às diferenças sexuais e de gênero”, receberam denominações que já deixam explícitos os temas aos quais estão ligados.

A escolha dessas categorias foi tomada a partir dos registros de *Fake News* encontradas, conforme podemos verificar no Quadro 1.

Quadro 1: *Fake News* do Governo Federal checadas pelas agências “Lupa” e “Aos fatos”

Categorias empíricas	Título da notícia	Link:
“Proselitismo político/cultural”	De 31 ações listadas em balanço do Governo Bolsonaro, 14 são falsas ou enganosas;	https://aosfatos.org/noticias/de-31-aco-es-listadas-em-balanco-do-governo-bolsonaro-14-sao-falsas-ou-enganosas/

⁷ Refere-se à tentativa de converter as pessoas em prol de uma determinada causa ou doutrina.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

	Verificamos o que disse Sérgio Moro na CCJ, no Senado e no Ratinho;	https://aosfatos.org/noticias/verificamos-o-que-disse-sergio-moro-na-ccj-do-senado-e-no-ratinho/
	Bolsonaro vai ao SBT e erra ao falar sobre previdência e bolsa família;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/04/bolsonaro-sbt-entrevista-2/
	Após Governo propor reforma na previdência, Paulo Guedes erra sobre aposentadoria de militares;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/02/22/previdencia-paulo-guedes/
	Bolsonaro se contradiz sobre base de Alcântara e exagera ao falar de ICMS;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/20/bolsonaro-trump-encontro/
	Paulo Guedes erra ao falar sobre o aumento do déficit da previdência;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/29/guedes-previdencia-senado/
	Na CCJ, Guedes erra rombo na ‘previdência’ dos militares e gasto com educação;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/05/guedes-ccj-previdencia/
	Segurança, renda per capita, educação: erros do ministro Weinraub antes de assumir o MEC;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/10/weinraub-erros-educacao-mec/
	Reajuste do diesel, Previdência e Censo do IBGE: erros de Paulo Guedes no Central GloboNews;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/20/guedes-diesel-censo/
	Na TV, Bolsonaro erra sobre combustíveis, reserva indígena e referendo de 2005;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/03/bolsonaro-combustiveis-indigena/
	Ministro da Saúde erra dados sobre cobertura de vacinação no Brasil e no mundo.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/29/ministro-saude-vacinacao/
“Egocentrismo político”	O que é fato – e o que não é – nas declarações de Sérgio Moro ao Conversa com Bial;	https://aosfatos.org/noticias/o-que-e-fato-e-o-que-nao-e-nas-declaracoes-de-moro-ao-conversa-com-bial/
	De 31 ações listadas em balanço do Governo Bolsonaro, 14 são falsas ou enganosas;	https://aosfatos.org/noticias/de-31-acoes-listadas-em-balanco-do-governo-bolsonaro-14-sao-falsas-ou-enganosas/
	Verificamos o que disse Sérgio Moro na CCJ, no Senado e no Ratinho;	https://aosfatos.org/noticias/verificamos-o-que-disse-sergio-moro-na-ccj-do-senado-e-no-ratinho/
	Bolsonaro se contradiz sobre base de Alcântara e exagera ao falar de ICMS;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/20/bolsonaro-trump-encontro/
	Reajuste do diesel, Previdência e Censo do IBGE: erros de Paulo Guedes no Central GloboNews.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/20/guedes-diesel-censo/
Ataques a partidos e organizações públicas”	Novo ministro da educação rejeita fatos e dados ao falar de armas, FARC e violência policial;	https://aosfatos.org/noticias/novo-ministro-da-educacao-rejeita-fatos-e-dados-ao-falar-de-armas-farc-e-violencia-policial/
	O que é fato – e o que não é – nas declarações de Sérgio Moro ao Conversa com Bial;	https://aosfatos.org/noticias/o-que-e-fato-e-o-que-nao-e-nas-declaracoes-de-moro-ao-conversa-com-bial/
	De 31 ações listadas em balanço do Governo Bolsonaro, 14 são falsas ou enganosas;	https://aosfatos.org/noticias/de-31-acoes-listadas-em-balanco-do-governo-bolsonaro-14-sao-falsas-ou-enganosas/
	Bolsonaro se contradiz sobre base de Alcântara e exagera ao falar de ICMS;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/20/bolsonaro-trump-encontro/
	Bolsonaro: ‘2 de abril de 1964 não existe’ no diário do Congresso. Ser?;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/28/bolsonaro-datena-ditadura/
	Em visita a Netanyahu, Bolsonaro erra ao comentar relações comerciais do Brasil com Israel;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/02/bolsonaro-israel/

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

	Ao falar de desemprego, Bolsonaro ataca IBGE e erra três vezes em menos de 1 minuto;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/03/bolsonaro-desemprego-ibge/
	Reajuste do diesel, Previdência e Censo do IBGE: erros de Paulo Guedes no Central GloboNews;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/04/20/guedes-diesel-censo/
	Em entrevista, ministro da Cidadania erra sobre drogas e incentivo à cultura no país;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/11/osmar-terra-roda-viva/
	Na Câmara, ministro da Educação erra sobre pesquisa científica e vagas em creches.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/17/camara-weintraub-educacao/
“Armamento da população”	Checamos as declarações de Jair Bolsonaro durante sua posse presidencial;	https://aosfatos.org/noticias/cheamos-as-declaracoes-de-jair-bolsonaro-durante-sua-posse-presidencial/
	Novo ministro da educação rejeita fatos e dados ao falar de armas, FARC e violência policial;	https://aosfatos.org/noticias/novo-ministro-da-educacao-rejeita-fatos-e-dados-ao-falar-de-armas-farc-e-violencia-policial/
	Ministro da casa civil erra dados sobre armas ao defender decreto que flexibiliza porte;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/16/onyx-posse-armas-decreto/
	Ao criticar estatuto do desarmamento, Sérgio Moro erra dados sobre o assunto;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/17/moro-estatuto-armas-decreto/
	Na TV, Bolsonaro erra sobre combustíveis, reserva indígena e referendo de 2005.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/03/bolsonaro-combustiveis-indigena/
“Apoio à ditadura”	Checamos a mensagem de Bolsonaro ao Congresso Nacional;	https://aosfatos.org/noticias/cheamos-a-mensagem-de-bolsonaro-ao-congresso-nacional/
	Divulgado pelo Planalto, vídeo sobre o golpe de 1964 traz série de distorções históricas;	https://aosfatos.org/noticias/divulgado-pelo-planalto-video-sobre-golpe-traz-serie-de-distorcoes-historicas/
	Bolsonaro: ‘2 de abril de 1964 não existe’ no diário do Congresso. Será?	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/03/28/bolsonaro-datena-ditadura/
“Preconceito Social”	Nos EUA, Bolsonaro cita informações falsas sobre imigração e antiamericanismo.	https://aosfatos.org/noticias/nos-eua-bolsonaro-cita-informacoes-falsas-sobre-imigracao-e-antiamericanismo/
“Intolerância às diferenças sexuais e de gênero”	Checamos as declarações de Jair Bolsonaro durante sua posse presidencial.	https://aosfatos.org/noticias/cheamos-as-declaracoes-de-jair-bolsonaro-durante-sua-posse-presidencial/
“Ataques às universidades”	No Senado, Weintraub erra ao dizer que aposentadoria de professor custa tanto quanto Fundeb;	https://aosfatos.org/noticias/no-senado-weintraub-erra-ao-dizer-que-aposentadoria-de-professor-custa-tanto-quanto-fundeb/
	Ao justificar cortes no MEC, Onyx Lorenzoni erra dados sobre universidades em Sergipe;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/07/onyx-lorenzoni-globonews/
	Na Câmara, ministro da Educação erra sobre pesquisa científica e vagas em creches.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/05/17/camara-weintraub-educacao/
“Contra-ativismo ambiental”	No dia do Meio Ambiente, checamos seis declarações do Governo Bolsonaro sobre o tema;	https://aosfatos.org/noticias/no-dia-mundial-do-meio-ambiente-cheamos-seis-declaracoes-do-governo-bolsonaro-sobre-o-tema/
	Em Davos Bolsonaro erra ao falar sobre florestas e preservação do meio ambiente;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/01/22/davos-bolsonaro-meio-ambiente/
	Exportação agropecuária, efeito estufa e Mariana: erros do ministro do Meio Ambiente;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/02/11/ricardo-salles-meio-ambiente/

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

	Meio Ambiente: Salles exagera sobre coleta de lixo, e Araújo nega mudanças climáticas;	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/06/08/meio-ambiente-salles-araujo/
	Brasil não é exemplo de conservação do meio ambiente: erros de Ricardo Salles na Globo News.	https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2019/07/05/meio-ambiente-salles-globonews/

Fonte: Adaptado de Aosfatos.org e Agência Lupa.

Conforme podemos verificar no Quadro 1, revestidos de uma aparente desinformação, ministros e o presidente da república utilizam de informações falsas seja para “conscientizar” a população sobre a importância de medidas governamentais (pacote anticrime, cortes na educação, redução de investimentos em medidas de combate ao desmatamento da Amazônia e preservação do meio ambiente) ou para propagar ideologias religiosas e políticas (gênero nas escolas, imagens pejorativas de comunistas e grupos de esquerda).

Neste sentido, a partir dessas categorias de *Fake News* estabelecidas, poderíamos dividir as estratégias utilizadas pelo Governo entre aquelas voltadas à popularização do Governo e as destinadas a buscar o apoio a medidas e políticas públicas. Dentre as informações de popularização do Governo encontram-se as que são voltadas ao público em geral: proselitismo político-cultural, egocentrismo político e ataques a partidos políticos e organizações públicas; e aquelas notícias que buscam manipular grupos específicos, como fundamentalistas religiosos, simpatizantes da política conservadora de extrema-direita e apoiadores da tortura e violência. Compõem as *Fake News* voltadas a esse último grupo citado aquelas que integram as seguintes categorias: intolerância às diferenças sexuais e de gênero, preconceito social e apoio à ditadura.

Na Figura 1 além dessas estratégias de popularização do Governo, apresentamos como ocorre a relação entre as categorias nas quais estão inseridas *Fake News* propagadas pelo Governo e algumas medidas encaminhadas pelo Governo que foram listadas nesta pesquisa para exemplificar como ocorre essa utilização das informações falsas como estratégia política.

Figura 1: Delimitação das estratégias de Governo a partir das categorias de *Fake News*



Fonte: Dados da pesquisa (2019)

Em alguns casos, a mesma categoria pode referir-se a duas estratégias de forma concomitante. Esse é o caso da categoria “Proselitismo político cultural”, na qual está inserida a informação de cortes no orçamento da previdência pública. Essa informação pode ser utilizada como uma estratégia de popularização de um Governo que busca manipular e conscientizar a população de que realizaria “cortes em investimentos desnecessários pelo bem da população”. Mas, também pode ser uma forma de buscar apoio para a reforma da previdência.

Ao relacionarmos as categorias empíricas aos conceitos que integram a teoria social de Bourdieu podemos destacar que, em geral, todas têm relação direta com o *habitus*⁸ dos agentes que integram a sociedade brasileira. Sobretudo nas estratégias de popularização do Governo percebe-se a vinculação entre os discursos propagados por agentes governamentais na mídia e o *habitus* do público aos quais essas falas são destinadas. Ao posicionar-se contra a ideologia de gênero nas escolas, por exemplo, há um “flerte” com grupos fundamentalistas

⁸ Conceito utilizado por Bourdieu (2004) para definir o esquema subjetivo de produção e de percepção e apreciação das práticas, e reverberam na construção dos campos nos quais ocorre a interação desses indivíduos.

religiosos cujo *habitus* construído ao longo da vida gera e organiza práticas e representações de ataque e intolerância a questões sexuais e de gênero, vistas como “pecaminosas”.

Conquistar o apoio à ditadura por parte de filhos e parentes de militares cujo *habitus* não percebe nenhuma violência relacionada a esse período, ao contrário, associam essa época a uma condição de estabilidade financeira e status social, é um caminho possível e previsível.

Além disso, as diferentes formas de capital (econômico, social e cultural) que os agentes da sociedade brasileira dispõem, interferem repercussão dessas *Fake News* e determinam o poder manipulador desses elementos estratégicos.

As oportunidades educacionais escassas ou inacessíveis à grande parte da população para a construção do capital institucionalizado da formação escolar e acadêmica influenciam a compreensão de informações falsas que desconstroem matérias já consolidadas, como, por exemplo, os recursos de aferição do aquecimento global e a existência da ditadura militar no Brasil, abordados por membros do Governo, conforme exposto no Quadro 1.

Ao avaliarmos essa discussão a partir da perspectiva da Economia da Informação e suas abordagens que direcionam o valor da informação para o usuário e a relação estabelecida com a produtividade, percebemos que a informação falsa, nesse caso estudado, cumpre com pré-requisitos dessa lógica de mercado no que diz respeito ao alcance do retorno buscado por quem a utiliza. Mesmo diante de medidas antidemocráticas, antiéticas e questionáveis no ponto de vista moral e jurídico, o Governo Federal tem conquistado a aprovação de parte da população e conseguido manipular o povo pelo viés ideológico que permeia as falas do presidente e sua equipe.

Diante desse debate sobre o lugar da informação nas sociedades contemporâneas e a utilização de tecnologias e redes virtuais para disseminação de conteúdos inverídicos a Ciência da Informação deve promover reflexões e discussões que evidenciem a importância da informação demonstrada cientificamente e combater a propagação das inverdades e desinformação.

Nesse sentido, os dados apresentados evidenciam que, para além da discussão relacionada à disseminação de *Fake News* por parte da grande massa da população, é preciso estabelecer uma agenda de discussões, que possa, inclusive, servir de parâmetro para a criação de uma legislação específica sobre a utilização de informações falsas, sobretudo por representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário, para manipular a população.

É inequívoco também que, diante do papel mercadológico que a informação como bem de produção atinge nesse cenário da Economia da Informação, a Ciência da Informação deve reivindicar o seu papel protagonista nessa discussão e oferecer a contraposição a esse panorama desafiador. É preciso entender que o compromisso de combater as *Fake News* e estratégias de desinformação para consolidar a democracia é papel dos poderes e instituições estabelecidos e de quem faz ciência e discute a informação em suas várias vertentes. Eis o papel social do cientista da informação em tempos de pós-verdade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de uma realidade de ascensão política de grupos e partidos de extrema direita, fundamentalistas, com vínculos religiosos, confrontados com uma realidade histórica de desigualdades sociais, despolarização de massas e posicionamento acrítico, as *Fake News* passam a ser utilizadas em todas as esferas da vida social brasileira, reivindicando novas relações entre os agentes e destes com a informação. A discussão apresentada nesse estudo evidencia essa realidade. Nesse sentido, embora possam existir outras relações teóricas e categorias empíricas que ampliem esse debate, entendemos essa pesquisa como uma provocação inicial sobre o tema, que se desdobra em várias inquietações. Serrano (2010, p. 14) lembra que:

O resultado de nosso modelo informativo, massivo e empresarial é a divisão dos cidadãos em dois tipos: uma grande maioria que consome grandes meios de comunicação de forma não crítica e se transforma em massa de manobra informativa e uma elite política e intelectual que consegue compreender os elementos fundamentais do mundo. Desta última, uma parte utiliza a informação para tirar proveito, e a outra, a crítica, se vê obrigada a conviver com a importância de não conseguir que sua mensagem chegue à comunidade cidadã.

Dentre esses grupos apresentados por Serrano (2010) poderíamos incluir aqueles que utilizam o que Goffman (2011) chama de fachada, ou seja, o valor social positivo que uma pessoa reivindica para si através de um padrão que os outros pressupõem como aprovado socialmente. Nesse caso, nos parece que o obscurantismo e a desinformação que ameaçam princípios básicos voltados para uma sociedade cidadã e democrática são desconsiderados, pois, o primordial é fazer parte da “elite” econômica, política e cultural de um país, mesmo que essa participação não ocorra de forma objetiva, e sim, fruto de uma construção subjetiva

daqueles que acreditam integrar esse grupo abastado. A vida social passa a ser composta num simulacro que se reflete nos vários processos informacionais.

Assim, nos cabe refletir sobre como conter esse processo em que projetos políticos excludentes e violentos que privilegiam ricos conquistam a adesão dos pobres e classe média, que compõem a grande massa da população, tendo como principal vetor de manipulação a informação falsa. Como podemos romper esse ciclo de ignorância e imbecilização que contaria com uma larga contribuição do Governo Federal brasileiro para se propagar? Em que medida as Ciências Sociais, sobretudo a Ciência da Informação, podem atuar para amenizar os efeitos negativos das *Fake News*?

Não nos propomos a responder essas questões, pois extrapolaria os objetivos deste estudo, e nem acreditamos que será possível estabelecer um tratado ou estudo que possa elucidar por completo as nuances dessa realidade de manipulação, falseamento de informações e promoção das diversas formas de violência. Porém, acreditamos que, assim como a utopia serve aos agentes como um horizonte que se busca alcançar, o esforço para entender essa realidade e discutir esses questionamentos pode nos levar a estabelecer novas práticas sociais mais justas, éticas e democráticas.

No âmbito da Ciência da Informação, é preciso que os agentes que compõem esse campo, reivindiquem para si o protagonismo nessa discussão que, para além dos horizontes do Direito, Comunicação, Sociologia, dentre outros campos do conhecimento, deve ser apreciada a partir de um entendimento interdominial que congregue esses saberes e entenda o processo de transformação de dados em informação como multifacetado e mutável. Esse é o compromisso que esse campo do conhecimento deve assumir para atuar no combate às formas de violência simbólica, manipulação de massas e exclusão social que encontram sustento na informação como processo, sobretudo por intermédio das *Fake News*.

Bourdieu (2001) assevera que uma das principais vias de combate ao suporte e efeito da violência simbólica e a submissão resultante desse processo é a “força intrínseca das ideias verdadeiras”. Sendo assim, compete à sociedade em geral e aos cientistas sociais, sobretudo aqueles que se propõem a discutir a imensidão de dados que essa realidade informacional e tecnológica impõem à sociedade, estruturar, a partir disso, um conhecimento livre, autônomo, que possa subsidiar melhores condutas informacionais que privilegiem a verdade demonstrada cientificamente.

REFERÊNCIAS

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

ADORNO, Theodor W. **Propaganda fascista e anti-semitismo [1946]**. Tradução por Francisco Rüdiger. Frankfurt: Surkhamp Verlag, 1975. Disponível em:
https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/Theodor_Adorno_-_Propaganda_fascista_e_anti-semitismo__1946__.htm?1349568169. Acesso em: 15 jul. 2019.

ALVES, Edvaldo Carvalho; MELO FILHO, Edilson Targino de. O processo de socialização, os aparatos infotelecomunicacionais e a disseminação da informação ideológica. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO LATINO AMERICANA DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, COMUNICAÇÃO E CULTURA - ULEPICC, 6., Brasília. **Anais Eletrônicos...**Brasília: UnB, 2016. Disponível em:
https://ulepiccbrasiliadotcom.files.wordpress.com/2017/04/ulepicc2016_anaisgt6.pdf. Acesso em: 29 jul 2019.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Fundamentos da Ciência da Informação: correntes teóricas e o conceito de informação. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 57-79, jan./jun. 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições70, 2011.

BEZERRA, Arthur Coelho; CAPURRO, Rafael; SCHNEIDER, Marco. Regimes de verdade e poder: dos tempos modernos à era digital. **Liinc em revista**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: 10.18617/liinc.v13i2.4073. Acesso em: 13 set. 2019.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BUFREM, Leilah Santiago. Informação, conhecimento e verdade: discussões contemporâneas. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, v. 10, n. 2, 1 nov. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/brajis.v10i2.5993>. Acesso em: 18 set 2019.

BRISOLA, Anna Cristina; BEZERRA, Arthur Coelho. Desinformação e circulação de “Fake News”: distinções, diagnóstico e reação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais Eletrônicos...** Marília: Unesp, 2017. Disponível em: <http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIXENANCIB/xixenancib/paper/view/1219>. Acesso em: 10 jul. 2019.

CÂMARA, Rafael Silva da; ALVES, Edvaldo Carvalho; BUFREM, Leilah Santiago. A “Economia Política da Informação” na Ciência da Informação: indícios e necessidades de um estudo de domínio no Campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais Eletrônicos...** Marília: Unesp, 2017. Disponível em:

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

<http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/xviiienancib/ENANCIB/paper/viewFile/531/579>.
Acesso em: 17 jul. 2019

CASTELLS, Manuel. 'Vocês estão vivendo um novo tipo de ditadura', avalia sociólogo Manuel Castells sobre governo Bolsonaro. **Revista Fórum**, Santos, 17 jul. 2019. Entrevista concedida a George Marques. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/voces-estao-vivendo-um-novo-tipo-de-ditadura-avalia-sociologo-manuel-castells-sobre-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 18 jul 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

DEMO, Pedro. Ambivalências da Sociedade da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 37-42, maio/ago. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade**: notas sobre a mentira na era Trump. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MORIN, Edgar. **Para onde vai o mundo**. Petrópolis: Vozes, 2010

SERRANO, Pascual. **Desinformação**: como os meios de comunicação ocultam o mundo. Rio de Janeiro. Espalhafato, 2010.

ZARZALEJOS, José Antonio. A era da pós verdade: realidade versus percepção. **Uno**, São Paulo, v. 27, n. 1, p.17-19, mar. 2017. Disponível em: https://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf. Acesso em: 08 jul. 2018.